

DE 1923 A 2023
100 anos de história.

HELVECIO CARVALHO



- 23 de maio de 1923 + 19 de novembro 2015



Lindaura e José Celestino

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO CIVIL
de PESSOAS NATURAIS do
Município de Berrinha -- Estado da Bahia
Distrito de Araci

CERTIDÃO DE NASCIMENTO Registro N. 325

Júlio Oliveira Carvalho
Oficial do Registro Civil

CERTIFICO que a fls. 172 do livro n. 3 consta o Registro de Nascimento de Helvécio Celestino de Carvalho nascido aos dois dias do mês de maio do ano de 1923.

às três horas, em esta Vila de Araci de côr. branca, de sexo masculino filho legítimo de José Celestino de Carvalho e de D. Lindaura de Oliveira Carvalho, naturais d'este Distrito.

avós paternos { José Ferreira de Carvalho
Virginia Maria de Jesus
Joachim Hieronimas de Oliveira

e maternos { Maria dos Anjos Oliveira.

Foi declarante o progenitor.

e serviram de testemunhas { João de Oliveira Lota
Domiciano Cipriano de Oliveira

Observações: feito na forma do prazo legal.

Custas. Recebi desta busca e selos cr\$55,00 conf. reg. custas.

O referido é verdade e dou fé.

ARACI - BAHIA

Selado com Cr. 5

“Eram três horas do dia 02 de maio de 1923, no município de Araci, conhecido à época, como vila do raso, quando veio a este mundo Helvécio Celestino de Carvalho, filho de José Celestino de Carvalho e Lindaura de Oliveira Carvalho”

Até cinco anos, viveu no Caldeirão, na Boa Sorte, a fazenda antiga do avô Joaquim Jeremias.

Em 1927 ou 1928, quando tinha quatro ou cinco anos seus pais se mudaram para a fazenda Nova Era, que logo depois, passou a ser conhecida como Fazenda Maracujá, ficando até 1941, quando seus pais venderam essa fazenda e foram morar no Caldeirão em uma nova fazenda adquirida neste ano, ficando até 1942, quando se mudaram para a fazenda serra vista.

Em fevereiro do ano de 1936, Helvécio e seu pai viajaram a cavalo com um amigo, com destino à cidade de Esplanada, a fim de ingressar no Seminário dos Capuchinhos, assim, como ele mesmo nos descreve,

- “Com menos de 13 anos, sai de Araci a cavalo, com destino ao Seminário dos Capuchinhos em Esplanada, ficando lá de 1936 a 1938, seguimos eu e outros trinta seminaristas para o Convento da Piedade onde permaneci até 1939”. No seminário, ele estudou parte do ginásio, onde aprendeu a ler e escrever melhor,

Ao final de 1939, percebendo que não tinha vocação para o sacerdócio, deixou o Seminário, voltando em seguida para Araci.

De volta a Araci, Helvécio tornou a morar na fazenda maracujá junto com sua família, lá morando, Helvécio frequentava a casa de Zequinha das Madeiras, onde desde criança se harmonizava com os primos e primas, brincavam e se divertiam juntos, e de todas os primos ele se mantinha sempre muito perto de Alice, a qual tinha muita afeição, porem como eram primos, mantinham sempre o maior respeito um pelo outro. Alice tinha 16 anos, era meio moça, meio menina, mas a responsabilidade que assumia na família e na escola rural dava-lhe ares de adulta o que despertou o interesse e o respeito dele.

Em 1941 a pedido de seu avô Joaquim ele foi ao caldeirão e ouviu do avo a vontade de abrir uma escola para crianças, tentaram a primeira vez no caldeirão e não houve interesse por parte das crianças de lá, então resolveram fazer em outras fazendas, e não tiveram sorte também, então ele desgostoso da ideia desistiu de ser professor, se dedicando ao cultivo de mandioca e produção de farinha no Caldeirão, quando o serviço diminuía por lá ele e seus irmão iam ajudar na fazenda maracujá, até que seu pai vendeu a fazenda e eles foram morar no caldeirão velho, um tempo depois, durante a gravides de sua mãe, ele deixou os pais no caldeirão e foi tomar conta da fazenda da Serra que tinha sido recentemente comprada, indo ele e seu irmão Ivo.

Sem ocupação definida e por não ter muitos pendores para o trabalho agrícola ele pediu licença ao seu pai para retornar a Salvador, em busca de trabalho, ficando por lá até 1942, reconhecendo a inviabilidade de sua permanência na capital, ele resolveu voltar para Araci, restabelecido e feliz por estar de volta, nos dias seguintes fez companhia aos pais na labuta diária da roça, visitou amigos e parentes no Caldeirão e nas outras fazendas vizinhas e depois começou a procurar trabalho como ajudante de pedreiro. Era uma atividade que lhe rendia pouco dinheiro, mas lhe serviu como aprendizagem para a principal atividade que exerceu depois de casado, enquanto esteve em Araci.

Em 1942, aos 19 anos, depois que voltou da capital, Helvécio se sentia mais maduro, experiente, conhecedor do mundo.

Os cartórios enviavam todos os anos para o Exército os nomes dos rapazes que completavam 18 anos. O comando fazia um sorteio por região e informava ao cartório para que localizasse os candidatos, depois da mudança para a Serra, Helvécio não demorou muito em Araci, pois logo recebeu o recado de Julinho, o tabelião, o informando que ele havia sido convocado como reservista, sendo assim, logo depois saiu de Araci, na boleia de um caminhão até Serrinha e de lá tomou o trem para Salvador, chegando a Salvador, se hospedou na pensão de uma família de Teofilândia, na Rua Barão de Cotegipe, vindo então a servir o exército em fins de 1943 e início de 1944. A passagem pelo exército lhe trouxe a habilidade para a área de saúde, pois devido a fatos ocorrido veio a ser escolhido para trabalhar na enfermagem do quartel, assim se iniciava sua peregrinação pela área de saúde. Não conseguia ficar quieto em Araci; seu espírito aventureiro aos vinte anos, lhe impunha constantes buscas de alternativas de trabalho, mais pela aventura do que pelo dinheiro.

Nos últimos anos tinha se encontrado muitas vezes com Alice, com quem reiniciara uma amizade mais forte, ela era uma moça esbelta de corpo, a pele clara matizada pelo sol, cabelos castanhos escuros, lisos, cortados sempre à altura dos ombros. Olhos profundos e inteligentes e natureza muito calma. Falava pouco, mas gostava de cantar durante as atividades diárias. Expressava-se bem, com segurança e firmeza sobre as coisas, atitude fortalecida no desempenho de sua atividade como professora. Era muito religiosa, participava de todas as festas da igreja.

O namoro evoluiu, naquela época os pedidos de casamento eram feitos por escrito, assim como as respostas. Helvécio cumpriu a tradição escrevendo o pedido e Zequinha preferiu dar a resposta afirmativa pessoalmente, junto com Donana, na sala de jantar da casa da Rua Vicente Ferreira.

- “Você é um rapaz direito. Gosto muito do seu pai, um homem correto, religioso. Somos todos parentes e assim continuamos em família. Fico alegre por Alice. Só quero que vocês se respeitem e sejam corretos. “

Marcaram a data do casamento para o final do ano, 1945. Fizeram planos para a cerimônia. Alice estava entre ansiosa e apreensiva. O casamento era uma porta de passagem para uma nova vida sobre a qual não tinha a menor ideia. A mãe não lhe dizia nada, as primas e irmãs mais velhas soltavam informações sem clareza. Adivinhava alguma coisa, mas evitava pensar no assunto de forma que entregou a Deus seu futuro, certa de que Ele lhe mostraria os caminhos e as ações que servissem para sua felicidade.

Em 1945, pouco depois do acerto entre as famílias, um acontecimento marcou aquele ano com uma grande tristeza, sua Mãe D. Lindaura adoeceu seriamente, apresentava sintomas do que depois veio a se interpretar como sendo um enfarte. Helvécio que estava em Salvador, não sabia da doença da mãe, mas uma vontade repentina fez com que ele gastasse um pouco as economias para ir até Araci. Chegou sábado, às seis horas da tarde, na manhã, domingo, ela amanheceu com fortes dores no peito e ela faleceu às sete horas da noite. Deixando seu pai Jose Celestino viúvo pela segunda vez,

Depois do enterro da mãe, Helvécio passou ainda uns dias com o pai e os irmãos e voltou ao trabalho em Salvador, retornando a Araci, poucos meses depois para casar com Alice, cumprindo a última vontade da mãe, casamento registrado no cartório em 23 de novembro de 1945,

Audiência do dia 23 de Novembro de 1945.

Por vinte e três dias do mês de Novembro do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, nesta Vila de Araci, do Termo e Comarca de Serrinha deste Estado da Bahia, neste Cartório e Sala, das audiências do Juiz de Paz, foi aberta a audiência de hora regular perante o Sr. Juiz de Paz Martiniano Ferreira da Mota, e nela celebrados os Casamentos dos nubentes Helvecio Celestino de Carvalho e Alice Terezinha Ferreira de Carvalho e filhos de João Celestino Soares e Maria Tereza de Jesus, e mais houve nesta audiência a presença do Sr. Juiz de Paz, do Sr. Oficial de Paz, do Sr. Escrivão e demais presentes.

Martiniano Ferreira da Mota
João de Deus Soares
Oficial de Paz

Página do livro de registro do cartório.

República Federativa do Brasil

SALVADOR - BAHIA do Registro Civil de Araci. ESTADO DA BAHIA

CARTÓRIO OFÍCIO

QUA PADRE VIEIRA COMARCA DE SERRINHA
ABELIÃO, BEL FLAVIANO OSÓRIO PIMENTEL
ECONHECO, FIRMAS ASSINALADAS POR
STABEILIANO OSÓRIO PIMENTEL
COM O MENOR DE 18 ANOS DE IDADE
M TESTEMUNHO DA VERDADE

CERTIDÃO DE CASAMENTO Nº 117 /

CERTIFICO que no livro de registro de casamento nº 6 existente no meu poder e Cartório a fls. 94.v. consta o termo do casamento do Sr. Helvecio Celestino de Carvalho e Alice Terezinha Ferreira de Carvalho - que passa a se chamar Alice Terezinha Ferreira de Carvalho - realizados aos 23 de novembro de 1945 perante o Sr. Martiniano Ferreira da Mota, Juiz de Paz da Vara de Casamento, presente as testemunhas Pedro Ferreira de Oliveira, Jorge Pereira de Pinho, Elizeu Rodrigues Dantas e José Verdolino Finheiro.

sob o regime da comunhão de bens

<p style="text-align: center;">O Nubente</p> <p>Estado Civil solteiro Naturalidade baiano Profissão agricultor Nascido em 2 de maio de 1923 neste Município de Araci-Bahia. * * Filho de José Celestino de Carvalho e de Lindaura de Oliveira Carvalho, ela já falecida. Residente neste Município.</p>	<p style="text-align: center;">A Nubente</p> <p>Estado Civil solteira Naturalidade baiana Profissão prendas domesticas Nascida em 1º de fevereiro de 1926 neste Município de Araci-Bahia. * * filha de José Secundino Ferreira e de Ana Lisboa Ferreira. * residente neste Município.</p>
---	---

OBSERVAÇÕES

Realizado em audiência ordinária.

O referido é verdade e dou fé. Eu *Martiniano Ferreira da Mota*
Oficial do reg. civil dat. e assinado.
Araci, 11 de dezembro de 1945

Martiniano Ferreira da Mota
Oficial de Paz

Helvecio Celestino de Carvalho
Alice Terezinha Ferreira de Carvalho

ILDO OLIVEIRA CARVALHO
Oficial de Paz e Tabelião de Hora
ARACI - BAHIA

VEIGA
RECONHECER NO
MUNICÍPIO DE ARACI
E 11-12-1945

FIRMA
Sr. Cel. Martiniano Ferreira da Mota
No. VIEIRA, 27 - Salvador - Ba.

Alice Terezinha Ferreira de Carvalho



Jose Secundino (Zequinha) e Ana Lisboa (Donana)

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO CIVIL
de PESSOAS NATURAIS do
Município de Serrinha Estado da Bahia
Distrito de Araci

CERTIDÃO DE NASCIMENTO Registro N. 14

Júlio Oliveira Carvalho
Oficial do Registro Civil

CERTIFICO que a fls. 5 do livro n. 9 consta o Registro de Nascimento de Alice Terezinha Ferreira, nascido á 18 (primeiro) dia do mês de Fevereiro do ano de 1926, das 10 horas, em esta Diocese de Araci, Serrinha-Bahia de cor branca do sexo feminino, filha de José Secundino Ferreira e de Ana Lisboa Ferreira, brasileiros, casados.

avós paternos { Paulo da Conceição Ferreira
Maria Dacina da Conceição
e maternos { Antonio Ferreira de Oliveira
Francisca Rosa de Oliveira

Foi declarante Alice Terezinha Ferreira

e serviram de testemunhas { Erasto de Oliveira Carvalho
Pedro Ferreira de Oliveira

OBSERVAÇÕES:
lavrado em 6/9/45, na forma do Decreto 4857 de 9.11.39

O referido é verdade e dou fé. Eu Júlio Oliveira Carvalho Ofic. Reg. Civil datado, lido e assinado.

JOÃO OLIVEIRA CARVALHO
Oficial do Registro Civil
e Escrivão da Fm
ARACI-BAHIA

1945

Oficial Reg. Civil

“Alice nasceu na fazenda chamada Tanque da Baixa, no município de Araci em 01 de fevereiro de 1926, filha de José Secundino Ferreira, “ Zequinha” e Ana Lisboa Ferreira “Donana”, teve também uma família numerosa, durante sua vida de solteira, além dos trabalhos doméstico na lida diária ajudando sua família, também trabalhou como professora na área rural, todos os relatos recolhidos a seu respeito dizem o quanto ela era doce, trabalhadora, e voltada a família, casou com Helvécio em cerimônia religiosa dia 21 de novembro de 1945, na igreja de Araci, e sendo o registro civil sendo feito dois dias depois em 23 de novembro no cartório da cidade.”

Após casarem, ficaram morando na casa emprestada por Zequinha, a mesma onde a família arranchava nos domingos, segundas-feiras e dias de festas e onde Alice muitas vezes em criança se arrumava para ir à escola.

Zequinha mantinha um pequeno ponto comercial na sala da frente onde nos dias de feira Donana vendia café e produtos da roça. Helvécio passou a tomar conta do ponto, conhecido como Café de Zequinha, colocando depois outros mantimentos comprados dos agricultores locais e no comercio de Serrinha (cidade vizinha a Araci), aumentando assim a freguesia, quando Helvécio arrumava serviço de pedreiro, Alice atendia os fregueses do pequeno comércio. Não tinham muitas despesas e o sonho era economizar para poder construir uma casa.

Em em 7 de fevereiro de 1948, nascia a primeira filha do casal, Maria Goretti de Carvalho, chegou no terceiro ano de casamento.

Seu sogro Zequinha era o encarregado do Foro da Paróquia, proprietária está de todas as terras da cidade. Arrendou para o genro uma área de dez tarefas de terra que começava atrás da rua principal da entrada da cidade, se estendendo até o Coqueiro. Logo, Helvécio começou a construção de uma casa no lugar onde hoje existe uma igreja adventista. Foi aí que Goretti nasceu.

Algum tempo depois vendeu a casa e foram morar na roça, no Jericó, em 26 de abril de 1949 Ana Lindaura nasceu nesse pequeno sítio, desmembrado da Fazenda Tanque da Baixa, na beira da estrada das Madeiras.

Após ter vendido mais uma casa, inacabada, na praça José Ferreira, o incansável Helvécio construiu a terceira casa e voltou a morar na “Rua”, ou melhor, na mesma praça. Aí em 06 de julho de 1950, nasceu Terezinha Ferreira de Carvalho

No ano de 1952 em 26 de maio Evani Maria, nascia na sede de Araci, ela teve uma disenteria muito séria e, por pouco não morreu, a falta de conhecimento das famílias e de orientação da Saúde Pública, a desidratação levava muitas crianças na primeira infância.

Maria Madalena nasceu também em Araci, na casa da praça, em 22 de julho de 1953. ela foi uma bonita criança, gordinha e rosada, mas só viveu seis meses. Morreu com coqueluche, a tosse convulsa que matava por asfixia e para a qual não existiam vacina nem remédios eficientes.

Celina Ferreira de Carvalho nasceu em 25 de outubro de 1954, na última casa construída pelo pai na praça José Ferreira, ela tinha pouco mais de um mês de vida quando a família foi morar em Cotegipe.



São Miguel de Cotegipe era distrito de Salvador, formado por uma estação de trem e uma vila ocupada por servidores da Usina. Numa pequena e rudimentar casa de taipa com poucos móveis, cedidos pela empresa, morava com Alice e as cinco meninas, Maria Gorete, Ana Lindaura, Terezinha, Evani e Celina. O quintal encostava-se à maré. Devido à grande umidade as meninas menores contraíram uma tosse que podia ser coqueluche. Não demorou muito para que um dos funcionários da administração se incomodasse com a convivência das filhas de Helvécio com as outras crianças convencendo o engenheiro Dr. Batalha, responsável pela obra, a despedi-lo para não contaminar os filhos deles. Não havia muito a receber, o trabalho durara apenas quatro meses.

Quando a família foi morar na Fazenda Engenho Novo, o ar puro e a alimentação de boa qualidade foram essenciais para a cura total da tosse, para alívio dos pais que sofriam ainda pela perda de Madalena.

Assim, no início de 1955, a família juntou a bagagem e transportou-a bem cedo para estação com a ajuda de alguns companheiros da obra. Antes das sete horas pegaram o trem para Serrinha. Pagaram duas passagens – as crianças eram isentas – e a taxa de embarque da bagagem. A viagem durou seis horas e foi um divertimento para as crianças que não perceberam a tristeza do casal por perder a oportunidade do trabalho. Os dois se consolavam mutuamente. Como em tudo o mais na vida, entregavam a Deus suas frustrações, confiantes que a providência divina ajudaria a resolver todas as dificuldades.

Em Serrinha, os guarda-chaves retiraram a bagagem colocando-as na plataforma. Por alguns trocados, carregadores transportaram as caixas e malas até a Federação, perto da Praça da Matriz e da Rua da Lama, onde passavam caminhões para Araci. No primeiro que passou, por sorte, vazio, colocaram a bagagem e pongaram na carroceria. Antes do anoitecer estavam na Praça, em Araci.

Pouco depois de ter retornado de Cotegipe, Helvécio se encontrou com Esmeraldo, funcionário importante da Secretaria da Fazenda, em Araci. Ele perguntou a Helvécio se queria ir para Salvador, para trabalhar no Estado. Passados alguns dias após a conversa, Helvécio recebeu um recado de Esmeraldo pedindo que ele fosse urgente para Salvador pois havia conseguido um emprego para ele no Estado. Sem demora Helvécio tratou de se apresentar na Secretária de Saúde seguindo a orientação do primo importante. Sua família, no entanto, havia ficando em Araci, foi designado para a função de guarda sanitário e lotado inicialmente no 3º Centro de Saúde, na Calçada. Sua primeira função foi fazer rondas para verificar as condições sanitárias dos bares e pontos de venda de

alimentos nos subúrbios de Salvador. Depois foi lotado em Água Comprida, distrito de Salvador. Logo de chegada, após dois ou três dias indo e vindo da Calçada para o Trabalho, conheceu Simeão, negociante de carne, natural de Barrocas. Quase conterrâneos, conversaram muito e Helvécio lhe contou que estava ainda procurando casa para morar. O serrinhense de pronto ofereceu-lhe um quarto em sua residência. Helvécio se mudou para lá onde pagava uma pequena quantia pela pensão. Satisfeito começou a preparar a vinda da família.

A felicidade dessa vez também não durou muito. Logo o governo de Regis Pacheco chegou ao fim e Antônio Balbino foi empossado em 7 de abril de 1955. Uns dois meses depois de ter assumido, o governador demitiu todos os funcionários contratados no final da gestão anterior. Helvécio estava a apenas três semanas em Água Comprida cumprindo sua agenda de fiscalização quando foi surpreendido pela notícia da demissão. Ficou arrasado. Ainda bem que a família não tinha vindo junto, pois o transtorno seria bem maior. Tinha esperado a decisão de onde ficar em definitivo para procurar moradia. Mais uma vez Helvécio voltou para sua terra, dessa vez muito desanimado, pois tinha colocado suas esperanças de um futuro melhor naquele emprego. Alice o consolou. “Acima de tudo deve estar a fé em Deus”, dizia ela. “Ele não desampara seus filhos”. Apegaram-se à possibilidade de uma revisão das demissões em função da necessidade do serviço.

Esmeraldo, buscava meios de reverter a situação. Enquanto isso, conseguiu um emprego para seu protegido na Cerâmica Senhor do Bonfim, de Dr. Cícero Simões Filho.

Como o ditado que Alice tinha dito várias vezes, “Deus escreve certo com linhas tortas” Helvécio conheceu o Dr. Cícero, casualmente, e conseguiu novo emprego com ele.

A notícia do novo trabalho chegou quinze dias depois do retorno a Araci. O trabalho seria na administração de uma oficina mecânica de manutenção de tratores e veículos do empresário, situada nas dependências da Cerâmica Senhor do Bonfim. Lá ele deveria controlar o serviço dos trabalhadores, responder pelo almoxarifado e executar outros serviços avulsos, fora da oficina.

A cerâmica e a oficina eram contíguas à Fazenda Engenho Novo. Logo o patrão ofereceu a Helvécio uma casa para que trouxesse a família, forma de garantir tempo integral do empregado. A enorme casa tinha sido morada de um alemão que se encontrava de licença no seu país de origem. Tinha mobília suficiente para toda a família, fogão a gás e luz elétrica. O telhado era altíssimo e os quartos amplos dando para um corredor tão largo quanto uma sala. Ficava na área da fazenda Engenho Novo e apenas uma cerca de arame farpado separava-a dos pastos e do gado. Dr. Cícero tinha uma atitude populista com seus funcionários. Se por um lado os explorava no trabalho, que sempre invadia a noite e os fins de semana, por outro fornecia às famílias os produtos da fazenda como leite, frutas, milho verde e hortaliças. Os salários eram pagos sempre atrasados obrigando os empregados a viverem pendurados nas cadernetas da venda de Dona Adalgisa. Helvécio fazia as contas e deduzia do total do pagamento mais da metade do valor que ia para o armazém.

Não demorou muito, seja pelas pressões dos políticos e dos trabalhadores exonerados, seja pela necessidade de preenchimento das vagas ou devido ao esforço pessoal de Esmeraldo, foi readmitido no Estado; ainda no ano de 1955.

Dr. Cícero foi quem lhe entregou a carta a pedido da agente do Correio: tem aqui uma carta do seu primo. O que ele quer com você? Helvécio rasgou cuidadosamente a borda do envelope e retirou a carta escrita em ofício com o timbre da procuradoria do Estado. Era a boa notícia que esperava. Tinha sido readmitido no Estado. Dessa vez foi nomeado como atendente de enfermagem, pois a antiga função tinha sido extinta na Secretaria de Saúde. Estava lotado em Água Comprida. Deu a notícia ao patrão.

- Fui readmitido, vou trabalhar no hospital Couto Maia, disse ele e em 09 de março de 1955 começou seu novo trabalho.



- Foi? Mas vai continuar trabalhando comigo, comentou o Dr. Cicero, acertaram que ele trabalharia o turno da manhã no posto e a tarde na oficina.

Ao ser questionado sobre a sua profissão quando da indicação política para o emprego no Estado, não teve dúvidas quando se autodenominou atendente de enfermagem. Por isso foi encaminhado para servir o posto médico de Água Comprida. Trabalhando ali apenas com a experiência forjada no Exército, foi lendo tudo que lhe passava pelas mãos sobre medicina e enfermagem, o que aliado à natural tendência para a profissão rendeu-lhe com pouco tempo fama de bom enfermeiro. Tinha a mão leve para aplicar injeções por isso era muito procurado

Alguns meses depois de ter trazido a família, o patrão transferiu-a para a avenida de trabalhadores que ficava na parte alta da sede da fazenda, próximo à estrada nova em construção. A casa era comprida e um pouco escura por não ter janelas laterais, mas era fresca devido ao alto telhado e ao vento encanado que entrava pelas janelas da frente e inundava o corredor até a cozinha. De manhã cedo a baixada em frente à casa se embranquecia com a neblina espessa que encobria a vegetação da mata atlântica. Só se vislumbrava as árvores mais altas.

Foi uma época muito boa. Com dois empregos a vida da família se estabilizou. Alice cuidava da casa, costurava, ensinava as lições de casa às três meninas mais velhas que já frequentavam a escola do distrito e nos fins de semana participava das atividades da igreja de São Miguel Arcanjo com o marido e filhos.

José Antônio nasceu na casa da avenida de trabalhadores, em 06 de setembro de 1956, O primeiro filho homem depois de cinco meninas, cuja gestação só foi percebida no quarto mês, quando o feto começou a se mexer foi uma novidade para todos. Donana veio de Araci para ajudar a filha no parto e no resguardo. Na época do nascimento de José Antônio,

No final de 1956 Dr. Cícero pediu a casa alegando que precisava colocar outros funcionários que trabalhavam os dois turnos. Helvécio até que gostou da proposta uma vez que morando na fazenda ele não tinha hora para trabalhar. Até de madrugada era chamado a mando do patrão.

Como era difícil conseguir casa para alugar, ao sair da fazenda a primeira residência da família foi um prédio escolar, arranjado pelo Dr. Cicero. Ficaram lá, provisoriamente, durante a época das férias. Era uma enorme sala, cheia de janelas, com um pátio separando-a da outra sala. Apesar do espaço único de salão, Alice arrumou os móveis de modo a separar os compartimentos de sala de jantar, cozinha e quartos. Dois guarda-roupas isolavam as áreas de dormir com as camas ficando lado a lado separadas por dois palmos de distância.

Depois, a família foi morar numa casa de alpendre, próxima do prédio escolar, no lado alto da rua. Nesta casa de dois quartos, duas salas, cozinha, banheiro, havia um problema: não tinha água encanada nem dava para cavar cisterna devido à altura do lugar.

A oitava criança nasceu em Araci, no dia 14 de agosto de 1958, véspera da festa da Assunção de Maria, motivo pelo qual foi chamada de Maria da Assunção, porem seus irmãos sempre a chamaram de Marli, O nono mês de gestação coincidiria com a época de colheita da safra do feijão e Donana não poderia se afastar deixando Zequinha sozinho com Anita e Santinha. Além disso, ela não tinha se dado bem na viagem anterior. Decidiu-se então que Alice iria para Araci e lá teria a criança com o apoio de todos, ficando o tempo necessário para o resguardo. Assim, no oitavo mês, Alice e as crianças foram para Araci permanecendo cerca de dois meses.

Com uma nova recém-nascida era urgente mudar para uma casa com água. Antes de ir buscar a família, Helvécio tinha procurado e achado uma não muito boa, mas aceitável provisoriamente. Foram morar na Rua Rui Barbosa, na casa de Joca, no centro de Água Comprida.

Dr. Palmeira, médico do Posto Saúde de Água Comprida, ficou amigo do atendente de saúde a quem sempre orientava em relação ao serviço e a outros aspectos da função de servidor público. A partir de 1959, Palmeira começou a influenciar Helvécio para se transferirem os dois para Salvador. Ele próprio queria se fixar em Amaralina onde morava a sua família. Como já estava acostumado com o atendente que lhe prestava também serviços particulares como cobranças de aluguel, compras para as fazendas, queria que ele viesse junto.

Usava como argumento o fato de as meninas de Helvécio estarem crescendo e precisariam logo de boas escolas e ginásio.

Sendo assim, quando Dr. Palmeira, médico do Posto Saúde de Água Comprida, decidiu se transferir para Salvador, convenceu Helvécio a vir junto para que continuasse a lhe prestar os serviços particulares.

Utilizando sua influência conseguiu junto à Secretaria de Saúde a dupla transferência para uma sociedade de bairro localizada numa das encostas da Rua Ferreira Santos. Nessa época era muito comum o Governo do Estado firmar convênios com entidades filantrópicas para oferecer atendimento médico e escola primária aos bairros de periferia.

A Sociedade Santo Antônio ficava à Rua Ferreira Santos, que se estendia desde a Vila América, na Avenida Vasco da Gama, até a Avenida Cardeal da Silva na altura do cruzamento com o vale da Garibaldi. Esse posto atendia a população da Vila América até o Gantuá. Helvécio trabalhou uns poucos meses, indo e vindo para Água Comprida, até que conseguiu alugar uma casa para morarem. A Sede, como era conhecida, ficava pertinho do pé da ladeira e bastava subir uns trezentos metros para alcançar o largo e no canto oposto a casa.

Em 1960, a Família Carvalho se mudou para Salvador.

A casa alugada era de primeira mão, nova, de taipa, ampla e arejada, situada no Alto da Favela, pertencente a Raimundo, dono de um dos armazéns do largo. O local ficava no topo de um

morro entre a Rua da Lama, a Vasco da Gama e a Ferreira Santos. Na subida do lado Oeste do morro, partindo da Vasco da Gama havia uma roça de mangueiras que fazia a festa da criançada.

Era um belo dia de sol. Na frente da sede da Sociedade Santo Antônio, Arcanja, a zeladora, sentada na parte de cima da alvenaria de contenção da encosta em frente à Sede, olhava em direção à Vasco da Gama. Já tinha entrado e saído várias vezes de forma que decidira ficar ali até que o enfermeiro chegasse com a mudança.

A mudança aconteceu no caminhão de Cunegundes que era amigo da família e fez um frete barato. Toda a mobília não ocupava a metade da carroceria: camas “patente” de molas, duas de casal e uma de solteiro, colchões, uma mesa grande de jantar de madeira rústica com quatro cadeiras, a mala enorme onde cabia quase toda a roupa da família, um guarda roupa de sucupira, o fogão de querosene e sua mesa suporte, tonel para armazenamento de água, tralhas de cozinha e os brinquedos das crianças, improvisações e confecções das meninas e dos pais.

O caminhão estacionou no pé da ladeira que dava para a Ferreira Santos, bem perto da Sociedade Santo Antônio.

Devia ser três horas da tarde quando o caminhão parou na rua embaixo e ela acenou mandando que seguissem para o ponto combinado. Ficou observando a carga de poucos móveis que não chegavam a lotar a carroceria. Em compensação, a família era numerosa: Alice na boléia com os três filhos menores e Helvécio na carroceria com quatro meninas quase iguais: pele clara, cabelos cortados à altura do pescoço, franjinha, vestiam roupas de tecidos semelhantes diferenciando na cor e no modelo. Imaginava poder reconhecer a todos pois Helvécio, nos quatro meses que vinha trabalhando na Sede, tinha falado bastante sobre a sua família.

Arcanja chamou um grupo de rapazes que estava aguardando na entrada do prédio e foram caminhando pelos pouco mais de cem metros que separavam a Sociedade do início da ladeira.

Feitas as apresentações, Alice, Goretti, Ana, Terezinha, Evani, Celina, José Antônio, Marli pequenina seguiram Helvécio na longa e cansativa subida. Alice com José Antônio nos braços e uma sacola com documentos da família, as crianças cada qual com um fardo compatível com suas forças. Os ajudantes ficaram mais atrás comandados por Arcanja no transporte dos móveis. Era um cortejo diferente para aquele bairro humilde onde pessoas brancas não eram freqüentes. Muitas mulheres e crianças saíram para frente das casas para apreciar a novidade. Alguns logo se ofereceram para ajudar ao reconhecerem o enfermeiro do posto da Ferreira Santos. Antes da mudança, Helvécio já trabalhava há quatro meses na Sociedade e tinha atendido com injeções e curativos muitos dos curiosos que circulavam em torno da mudança.

Tinha sido difícil achar uma casa perto do trabalho. Ele e Arcanja tinham vasculhado as redondezas e sempre que achavam um local havia algum problema. Esgotos expostos, becos apertados, encostas. Tinham visto uma pequena casa de dois quartos numa avenida no canto oeste do campo mas Arcanja desaconselhou pois ficava muito perto do terreiro de candomblé, muito barulhento nos dias de comemorações. Finalmente encontraram uma casa no acesso da roça das mangueiras. Estava no final da construção. Helvécio gostou por ser de primeira mão, nova, com terrenos planos em frente e no lado direito. Era de taipa, ampla e arejada, situada num dos cantos do topo do morro conhecido na época como Alto da Favela. Pertencia a Raimundo, dono de um dos armazéns do Alto. Não havia banheiro nem sanitário na casa, mas tinha luz elétrica.

Com a ajuda dos novos vizinhos a subida dos móveis e outros pertences foi rápida e logo que escureceu, tudo se encontrava dentro da casa nova. Helvécio agradeceu calorosamente a todos que, um a um, se retiraram para suas moradias. Sozinhos, meio aturdidos com tanta coisa espalhada, o pai

e a mãe sentaram-se alguns momentos para descansar. As crianças correndo pra cima e pra baixo exploravam os cômodos e a parte externa da casa. Alice, respirando fundo, levantou-se e foi desencaixotar a tralha da cozinha. No fogão a querosene colocou água para ferver a fim de fazer o café enquanto Helvécio foi ao armazém comprar pão e mortadela para a janta.

Apesar do cansaço, no final do dia tudo estava praticamente nos seus lugares. Alice fez café e a família se juntou para comer. Fizeram uma oração agradecendo a Deus pelas bênçãos recebidas e pediram proteção para os dias seguintes. Tinham certeza de que tudo continuaria bem apesar da ansiedade de todos, diante dos novos desafios que enfrentariam na cidade grande onde tudo parecia estranho.

Antes de comerem, todos se banharam com a água que Arcanja tinha deixado em latas na cozinha. Com a ajuda das meninas, Helvécio armou as camas colocando os colchões de palha que Alice cobriu com colchas de retalho. Imediatamente as crianças menores foram colocadas para dormir. As mais velhas e os pais foram arrumar as coisas nos lugares, trabalho que durou até a madrugada.

A partir do dia seguinte tudo era novo. Casa, trabalho, escola, amigos, igreja, costumes. No futuro, novos filhos e outras mudanças. Muitas alegrias, algumas tristezas e a certeza de que em primeiro lugar sempre estaria a família.

”Fonte: livro de Terezinha de registros das memórias de Helvécio 1ª parte”.

Era domingo e podiam dormir um pouco mais, cansados como estavam. Apesar da casa estranha todos acordaram dispostos. Logo que levantaram, as crianças correram para a rua. O grande largo era, de fato, um campo de futebol; (hoje é a embasa), Em redor do campo casas de vários feitios e tamanhos. Logo adiante, à direita, um prédio quadrado com dois portões de ferro: o chafariz.

As meninas passaram a explorar o entorno da casa. Ao poente havia uma roça de mangueiras. No lado oposto uma área de passagem para uma avenida de casas ladeira abaixo. Isolando o quintal da casa vizinha, uma cerca viva de *nativo* e *quiabento*. No fundo da casa grandes pés de jaqueira. Logo em frente uma casa grande em bom estado com plantas na entrada. Na janela da frente estavam expostos para venda pedaços de cana e fatias de jaca dura. Depois da cerca de *nativos* havia uma barraca mais sortida com peixes secos pendurados na janela e vidros de cachaça com folhas e cascas de pau.

Logo a família percebeu que o maior problema do Alto era a água. Havia o chafariz público onde se formavam enormes filas de latas quando a água chegava às torneiras, o que acontecia raramente. Era uma construção fechada com grades nas duas entradas tendo as torneiras embutidas na parede do fundo. Devido a vazamentos o chão estava sempre molhado. Havia outro chafariz na Ferreira Santos, próximo do entroncamento com a Rua Onze de agosto. Este era apenas um pedestal com três torneiras.

Como o chafariz do Alto quase nunca funcionava era preciso descer o morro pela roça das mangueiras para buscar água nesse chafariz que era muito procurado por todos os moradores das redondezas

Não tendo água em nenhum dos dois chafarizes era preciso descer até a Rua Onze de Agosto e pegar água em uma cisterna no fundo da casa de uma família conhecida possivelmente que retribuía algum serviço de Helvécio como enfermeiro. Em troca de encher algumas vasilhas da dona da casa, as meninas podiam tomar banho no banheiro, o que faziam com o maior cuidado e em silêncio, para não incomodar.

Helvécio, logo nos primeiros dias após a mudança, escavou, com a ajuda de toda a família, uma fossa no quintal da casa, colocou uma laje de concreto e junto da porta da cozinha fez um quartinho de madeira onde improvisou uma latrina e cimentou o piso. Tinha menos de dois metros quadrados, mas servia perfeitamente como banheiro, foi colocada uma porta, escova com espelinho onde ele fazia a barba, todos os dias. Encostado no lado de fora da parede da cozinha foi colocado o tonel de água debaixo da bica para captar a água da chuva. Finalmente foi construída uma cerca de varas para evitar invasões de pessoas que pudessem furtar a água tão difícil de obter.

Após obter a autorização de Raimundo, o dono da casa, dividiu a sala de jantar em duas para separar a parte da cozinha do resto da sala. Assim a casa ficou em condições de moradia digna, embora pobre.

No primeiro inverno Helvécio cercou a área de vinte metros quadrados na frente da casa onde foi plantada uma horta e alguns pés de mamão que acabaram rachando o passeio

Helvécio Celestino de Carvalho Filho nasceu em 25 de agosto de 1960, em Salvador, na Maternidade Tsyla Balbino, sendo batizado na Igreja de Senhora Santana do Tingui, Rio Vermelho, em 08/12/1960, tendo como padrinho São José, representado pelo Dr. Egídio Carvalho Filho e como madrinha Maria Madalena Santos Souza, desde cedo passou a ser chamado por todos como Essinho.

Enquanto Helvécio trabalhou na Sociedade Santo Antônio na Rua Ferreira Santos, Ana, Terezinha e Evani freqüentaram a escola da sede. Lá, Ana e Terezinha concluíram o primário.

Goretti estudou na Escola Cecília Burgos porque no ano da mudança não havia turma de quinta série.

Quando o pai se transferiu para o Hospital Couto Maia, Ana e Terezinha já estavam no Ginásio, Ana no Servidor Público e Terezinha no Severino. Goretti apresentou problemas de saúde e parou de estudar logo que recebeu o diploma de conclusão do primário na Cecília Burgos. Evani foi transferida para a recém construída Escola São João Batista onde estudou até o quinto ano. Celina e Marli estudaram todo primário nessa mesma escola que só matriculava meninas enquanto José e Essinho foram para a Cecília Burgos.

A família levava a vida tranquilamente apesar do pouco dinheiro. Somente um fato veio alterar a rotina e exigir literalmente a mudança. Em uma noite de forte temporal, toda a parede lateral dos quartos veio abaixo. O barro da taipa amolecido pela chuva que caía desde o início da tarde não resistiu e começou a se dissolver, na madrugada todos acordaram com o chuvisco e o barulho do barro se espatifando e entulhando o piso. Alice tirou as crianças enquanto a chuva entrava com força molhando camas e o baú de roupas. Depois de arrastarem os móveis todos foram para a pequena venda do vizinho Lázaro onde se acomodaram e esperaram o dia clarear.

Helvécio estava de plantão no hospital e Alice teve que acalmar a todos, preocupada com a segurança das crianças e com medo de novos desabamentos. Passado o susto, quando amanheceu, o fato foi um motivo de curiosidade dos vizinhos, que lotaram a casa oferecendo ajuda. Alice mandou Terezinha ir avisar ao pai sobre o ocorrido. Assustada e ao mesmo tempo orgulhosa pela responsabilidade a menina se arrumou e desceu a ladeira das mangueiras na companhia das irmãs maiores. Tomou sozinha o ônibus da Vila América até a Ladeira da Praça, desceu o elevador Lacerda e pegou o ônibus elétrico para o Bonfim na Praça Cayru. Aí, dando-se conta do problema e do risco que tinham passado, começou a sentir medo e imaginava como transmitir a notícia. Chegou ao hospital quase aos prantos, mal conseguindo falar na recepção. Quando viu o pai, desabou no choro deixando-o muito assustado até que ele pôde entender o que aconteceu. Voltaram juntos para casa onde Helvécio providenciou o escoramento da parede.

Por um bom tempo as camas ficaram na sala. Embora Raimundo tivesse se comprometido a fazer os reparos necessários, não tomou nenhuma providência para sanar o problema de modo que a família começou a procurar outra casa para alugar .

Mudaram-se para a casa de Haroldo, na ladeira que dava para a Ferreira Santos. Essa também tinha dois quartos e duas salas. Com a permissão do dono foi feita uma ampliação com um quarto, uma cozinha e um banheiro do lado de fora com piso cimentado e um buraco com borda elevada. Não tinha água encanada como em todas as casas vizinhas. No fundo havia um grande quintal com goiabeiras, cana e bananeiras e na frente um cercado com algumas plantas ornamentais. Ana gostava de cuidar das plantas em vasos e do quintal onde foram plantadas espécies comestíveis nativas como bortalha e taioba, e legumes como mangalô, andú e fava. Sobrava ainda muito espaço para brincar.

Helvécio, criativo como sempre, fez uma gangorra de corda no pé de goiaba e uma de madeira sobe e desce. Essa consistia em um mourão com a parte de cima arredondada onde se encaixava uma grossa tábua de três metros com um corte circular que era encaixado no mourão. O rangido da madeira imitava o do carro de boi.

A casa vizinha muito rústica era uma marcenaria onde se fabricava sofás e cadeiras acolchoadas.

A ladeira era estreita e muito íngreme. Como a casa ficava mais perto do campo de bola a família continuou usando a passagem entre as mangueiras para se dirigir à Vila América, quando era preciso tomar o ônibus ou ir até a igreja de São João Batista.

A relação de Helvécio e Alice era tranqüila, amorosa, envolvendo cuidados, sinceridade e muito respeito, mas sem exibição. Não brigavam por motivo algum, muito menos elevavam a voz diante dos filhos. Isso resultava de uma cumplicidade permanente, quase uma sintonia de pensamentos e interesses. Tudo era bem analisado antes das decisões importantes. As poucas vezes que discordavam e se enfrentavam era na defesa dos filhos, quando um dos dois decidia castigá-los por alguma falta. Mesmo nessas ocasiões a segurança de um fazia o outro desistir sem briga. Vencia sempre a moderação. Helvécio trabalhava muito, às vezes avançava pelos três turnos do dia. Chegava cansado e sem tempo para as crianças.

Um traço marcante de Alice era a timidez. Era de falar pouco, sempre em voz natural, e trabalhar muito. Os filhos lembram mais de seus silêncios do que de suas conversas. Ela gostava de elogiar por motivos justos e sorria sempre, mas sem gargalhadas espalhafatosas. Dizia o suficiente, em poucas palavras. As crianças só precisavam de um olhar dela para obedecerem sem reclamar. As poucas confusões resultavam em fuxicos que ela cortava “ quando um não quer, dois não brigam”. Sua pessoa incutia respeito, silêncio e serenidade.

Alice ajudava os filhos a fazer as tarefas escolares e se saía muito bem apesar de só ter feito o primário. Ela também costurava para fora a fim de ganhar alguns trocados e ajudar nas despesas, principalmente no período que antecedia as festas de Natal e São João. Vestidos rodados, saias de pregas, blusas escolares. Bordava toalhas de mesa e de banho feitas com pano de saco. Ponto atrás, ponto de cruz, pé de galinha, rococó, ponto cheio. As meninas aprenderam a costurar com ela, fazendo roupas de boneca e ajudavam nos franzidos, nas montagens de pagueados, bainhas e acabamentos. Aprenderam a bordar também. Ana era quem mais tinha facilidade de aprender.

Aproveitava as horas de folga dos serviços domésticos para costurar roupas novas e transformar e consertar as velhas, aproveitando as vestimentas dos filhos maiores para os menores e as partes boas de roupas rasgadas para outros fins.

Se fosse preciso definir Alice para alguém que não tivesse convivido com ela, usando os fragmentos de memória das quatro filhas maiores, alguns caracteres seriam consensuais. Em

primeiro lugar, a religiosidade. Tinha muita fé em Deus. Uma fé pura, concreta e permanente que lhe dava o respaldo para adotar uma postura sempre positiva diante da vida. Em todos os momentos, alegres ou tristes, rezava para que fosse feita a vontade de Deus. Assim, tudo era aceito com tranquilidade. Paralelamente, as atitudes que ela tomava, junto com Helvécio tinham o crivo da correção. Pelo fato de confiar tanto em Deus ela exigia de si uma atitude correta e inquestionável. Todas as formas de pecado eram abominadas.

Os mandamentos que Deus entregou a Moisés estavam presentes no dia a dia como um marco entre o certo e o errado. O resultado dessa disciplina era uma convivência pacífica e agradável com vizinhos e amigos. A vida social se resumia às atividades da igreja, das escolas das crianças e a visitas eventuais a famílias amigas em épocas de casamento e batizados. Ela não se permitia ter inimizades mas costumava se afastar discretamente de pessoas que poderiam lhe trazer motivos de discórdia. Especialmente pessoas que não sabiam ocupar bem o tempo e se dispunham a mexericos. Não entendia como pessoas podiam ter tempo para ficar fofocando nas portas dos outros. Procurava não ser vista por essas pessoas para não ser descortês.

Assumia todos os problemas domésticos, passando as questões praticamente resolvidas para Helvécio. Numa atitude protetora afastava as crianças para o quintal de forma que ele descansasse quando chegava do trabalho. As tarefas diárias eram divididas com os filhos na medida da capacidade de cada um. Assim as crianças podiam se expressar livremente crescendo em um ambiente sem violência ou qualquer forma de repressão, onde imperavam a mansidão e a firmeza de Alice e o respeito à autoridade moderada de Helvécio.

Alice ouvia regularmente junto com as crianças as novelas do rádio que faziam tanto sucesso quanto as de televisão a partir da década de 60. As tramas ocupavam a imaginação durante o longo tempo de duração que em algumas ultrapassavam um ano como “ O Direito de Nascer”, “Jane Eire”, “ A Porta Fechada”, “Também há Lírios que Nascem do Lodo”.

Outro passatempo importante era a leitura. Liam muitas revistas publicadas pela Igreja Católica, como “O Mensageiro da Fé” que assinavam desde quando moravam em Araci, “Família Cristã”, a Bíblia, catecismos e almanaques. Todos anos compravam nas Edições Paulinas o calendário cristão que tinha uma folhinha para cada dia, onde se liam mensagens, informações, adivinhações e piadas, além dos santos do dia.

Lúcia nasceu em 10 de julho de 1963, na Maternidade Climério de Oliveira, situada em Nazaré, Salvador, foi batizada pelo Padre João Maria Gardenal, no dia 21 do mesmo mês, na Igreja de São João Batista, na Vila América, sendo padrinhos Geraldo Esteves dos Santos, voluntário nos trabalhos comunitários, e Professora Rayadal Vieira Bittencourt.. Alice sentiu a bolsa romper enquanto lavava os pratos do almoço.

Quando em 1963 o Governo Federal do presidente João Goulart implantou o Serviço de Rádio e TV Educativa para promover a alfabetização, Alice se cadastrou e recebeu uma turma para ensinar no domicílio. Além do material ilustrado, cartazes, cartilhas, veio um receptor de rádio onde se retransmitia o conteúdo das aulas. Esse radinho foi o primeiro equipamento eletrônico a que a criança teve acesso. Era possível sintonizar emissoras locais também.

Havia muitos idosos entre os alunos e tinham as mãos duras que precisavam ser bastante trabalhadas para segurar corretamente o lápis. Com muito esforço conseguiam decorar o ABC. As crianças ajudavam bastante, mas era inevitável depois darem boas risadas dos episódios presenciados na sala de aula.

O curso funcionava à noite porque a maioria trabalhava. Os mais idosos não enxergavam bem na luz da lâmpada incandescente de 60 velas e às vezes apareciam de dia para tentar aprender alguma

coisa. Alice ficava feliz vendo o esforço daquelas pessoas embaladas pelo sonho de poder assinar o próprio nome.

Quando estourou a Revolução de março de 1964 e o regime de exceção, o programa foi extinto e todos os materiais confiscados. Alice bem que gostaria de continuar com as aulas de alfabetização e alguns alunos quiseram até pagar para isso, mas o marido convenceu-a a desistir porque os militares estavam aterrorizando o país e tudo podia servir de pretexto para perseguições. Qualquer agrupamento era mal visto e qualquer atitude cidadã podia ser interpretada como subversão e ameaça à ordem pública.

A espiritualidade presente na família, enquanto moravam no topo e depois na ladeira do Alto da Bola, na casa de Raimundo e na de Haroldo, os pais e as meninas maiores iam, a pé, assistir a missa dominical na capela do Colégio Antônio Vieira. Era uma longa caminhada, cerca de três quilômetros, passando pela Roça de Salvador, Rua da Lama, Garibaldi, Primeiro Arco e Leovigildo Filgueiras. Às vezes seguiam pela Rua Ferreira Santos, Gantuá e Pacífico Pereira. Todos tinham que andar rápido seguindo o ritmo de Helvécio, acostumado a andar com passadas largas. A ida era muito agradável na fresca brisa das primeiras horas da manhã, a volta, no entanto, com o sol quente, era desgastante.

Em casa a família rezava regularmente o terço. Os pais rezavam também, todos os dias a ladainha e o ofício de Nossa Senhora, no quarto, antes de se levantarem. Na época em que passou a trabalhar no Hospital Couto Maia, Helvécio costumava sair mais cedo para trabalhar e quase todos os dias assistia a missa no Mosteiro de São Bento. Para isso, saltava na Barroquinha, subia a ladeira até o largo da igreja. Depois da missa ia andando para a Praça Municipal, tomava o Elevador Lacerda, na Praça Cairu, pegava o ônibus para o Monte Serrat e ainda chegava antes dos colegas no trabalho.

Em 1962, retornando do trabalho no Hospital Couto Maia, o bonde em que estava indo para a Vila América, se defrontou com uma procissão. Na frente ia um padre enorme, tão alto que se curvava para falar com as pessoas. Usava um megafone e falava com um sotaque estrangeiro a língua portuguesa. Era a primeira vez que Helvécio via uma manifestação religiosa no bairro. Lembrou que alguns vizinhos tinham comentado sobre a construção de uma capela nas imediações e ficou alegre ao presenciar o ato religioso que se tratava de uma homenagem a São João Batista, o patrono do novo templo. A procissão indicava que já estava acontecendo atividades na capela.

No domingo seguinte à procissão foi à igreja ainda em construção, no alto de um barranco que margeava a Avenida Vasco da Gama, em frente à Ladeira do Engenho Velho de Brotas. Assistiu a missa celebrada com muita devoção pelo padre grandão. No final, foi à sacristia, improvisada atrás de um biombo, e com seu jeito natural facilidade para fazer novos contatos se apresentou ao padre. Chamava-se João Maria Gardenal, jesuíta italiano, em missão de evangelização no Brasil. Conversaram muito, o padre não tinha pressa, queria saber tudo sobre ele e a família. Falaram sobre a construção da capela e sobre os projetos da igreja para o bairro. Depois desse dia a família tornou-se assídua na Missa aos domingos na Capela e depois Igreja da Paróquia de São João Batista. Aos poucos todos passaram a trabalhar como voluntários, na igreja.

Durante a semana a igreja funcionava como escola. Havia uma imensa cortina vermelha de lona separando a área do altar do restante do grande e alongado salão. Os bancos eram típicos de escola podendo caber até três pessoas, com assento e mesa conjugados.

Algumas semanas depois, o padre italiano, convidou Helvécio para trabalhar nos dias de folga, na igreja de Santo Antônio da Barra, sede provincial dos Jesuítas.

Logo, utilizando todos seus dias de folga, entre os plantões de 24 horas, passou a trabalhar para os jesuítas nos centros sociais patrocinados por eles. Vila América, Antônio Vieira, Liberdade e

muito depois, Uruguai e Massaranduba. Na igreja de Santo Antônio da Barra separava montanhas de remédios que eram doados pelos europeus descartando a maioria que chegava com o prazo de validade vencido devido aos trâmites burocráticos dos portos por onde circulavam.

As crianças maiores às vezes o acompanhavam e assim passaram a frequentar algumas festas religiosas especialmente as novenas de Santo Antônio da Barra. No último dia, 13 de junho, a celebração terminava com a distribuição de pãezinhos bentos para serem colocados dentro de latas de mantimentos, o que, segundo a tradição, protegeria a família contra a falta de alimentos.

Um dia, durante a missa de domingo, a igreja cheia, surgiu a novidade. Na segunda fila da direita, três freiras vestidas com hábitos brancos estavam sentadas entre alguns fieis costumeiros. Sorriam para todos que olhavam para elas. As poucas palavras pronunciadas indicavam que eram estrangeiras.

Durante o sermão o padre Gardenal explicou que eram missionárias da congregação italiana Ancelli de Gesu Bambino, em português Ancilas do Menino Jesus. Tinham chegado recentemente ao Brasil e deveriam trabalhar na Vila América, ensinando e ajudando o povo a se desenvolver.

Aos poucos a infraestrutura na Vila América foi aumentando em torno da igreja. Na sala da frente da casa construída para abrigar as irmãs Ancilas do Menino Jesus passou a funcionar o Posto de Saúde sendo Dr. Fernando Feitosa o primeiro médico a clinicar. Devido à sua profissão de enfermeiro, Helvécio foi encarregado pelo Padre Gardenal para atendimento ao público, aplicando injeções, fazendo curativos e distribuindo remédios. Logo aprendeu a reconhecer os princípios ativos expressos nas caixas fazendo a substituição dos remédios brasileiros pelos estrangeiros.

Envolvido totalmente com o trabalho da Igreja, como sacristão e administrador, Helvécio se tornava cada vez mais essencial para o andamento das atividades relacionadas com as obras da paróquia, dos jesuítas e das ancilas. Interessado em assegurar sua permanência e o apoio da família toda para as atividades da paróquia, o padre Gardenal lhe ofereceu um pedaço de terreno no final da posse da igreja São João Batista, na parte mais alta, contígua à roça das mangueiras.

Helvécio então passou a construir, com a ajuda da família, uma casa de taipa, espaçosa, com três quartos, duas salas, cozinha e banheiro.

Primeiro fizeram a limpeza da área com a retirada da rala vegetação e do lixo, o segundo trabalho consistia no nivelamento do terreno que era muito inclinado. Foi muito penoso escavar o barro vermelho na parte alta e carregar num carro de mão para a parte inferior, “apilar” a terra solta até endurecer. Foram dias e dias de trabalho exaustivo nos fins de semana e só com a ajuda das crianças pois não havia dinheiro para pagar ajudantes. Helvécio tinha uma disposição impressionante. Parecia nunca se cansar. As crianças ajudavam e brincavam ao mesmo tempo. Catavam as pedras mais bonitas, rolavam na terra solta. Aplainada a área da casa e mais um pouco para o terreiro na frente e no fundo, medindo uns 10 metros por 20, resultou um barranco de mais de dois metros de altura na lateral direita da casa e uma inclinação forte do lado esquerdo.

Mais uma vez o padre Gardenal chegou com a ajuda para comprar o madeirame. Foram então colocados os mourões e esteios, trabalho duro e cuidadoso para que as futuras paredes ficassem bem apuradas. Depois de mais de sete dias de trabalho alternados, a cumeeira foi suspensa no braço dos amigos convocados para a empreitada. O sucesso da empreitada foi comemorado com todos batendo as varas no chão, levantando a terra solta numa onda de poeira vermelha. Nesse mesmo dia iniciou-se a colocação dos repões e ripas. A cobertura levou mais de uma semana. Sem poder pagar diárias de trabalhador a construção foi avançando aos poucos nos finais de semana e nos horários de folgas de Helvécio.

Depois chegou a vez do “envaramento”, o cruzamento das varas longas e finas, num quadriculado perfeito, pregadas nos esteios. Tudo feito em família. O enchimento foi praticamente executado durante os turnos de trabalho de Helvécio no Couto Maia, por Alice e pelas crianças que gostaram da atividade já que tudo se transformava em mais uma brincadeira. Fileira em fileira, os espaços iam sendo preenchidos de baixo para cima, usando-se uma escada para atingir as partes mais altas. O teor de argila era o ideal para dar a liga necessária para o bolo grudar na madeira. Uma pessoa ficava de um lado da parede para aparar o bolo de barro jogado com força no vão quadrado retirando-se os excessos dos dois lados e corrigindo-se as falhas com as mãos. A ligação entre as camadas era feita também com as mãos espalmadas, de modo que os blocos ficassem bem unidos e presos no esqueleto de varas.

O reboco e o piso de cimento bem liso foram feitos por Helvécio, nas folgas e fins de semana. Depois a pintura com tinta barata à base de cal.

O trabalho todo deve ter durado uns seis meses, mas a casa ficou bem feita parecendo de alvenaria. ele sabia fazer esses serviços muito bem. Já tinha construído casas de adobe, de tijolos e de taipa em Araci, quando ganhava a vida trabalhando como pedreiro. A área construída com três quartos, sala de visitas, sala de jantar, corredor, cozinha, banheiro, media cerca de 80 metros quadrados. O quintal e a roça de bananeiras no terreno enladeirado se estendiam até o fundo da igreja e da casa das irmãs.

Luiz nasceu em 19 de setembro de 1965, na Maternidade Tsyla Balbino, situada na Baixa de Quintas, em Salvador. Foi batizado no dia 26 do mesmo mês, na Igreja de São João Batista, pelo padre Gardenal, jesuíta, tendo como padrinhos Ambrósio Sesteli e Professora Raidalva Vieira Bitencourt.

A mudança para a casa quase própria no Alto de São João Batista, como passaram a chamar o local, na Vila América, aconteceu no dia 17 de janeiro de 1966. O carregamento dos poucos móveis e demais pertences na cabeça, mais uma vez, recebeu a ajuda dos vizinhos.

Nessa época não existiam muitas construções perto da casa. Os poucos vizinhos ocupavam um terreno no limite sul mas tinham pouco contato com a família.. Havia dois acessos: um pelo terreno da igreja, subindo pela escadaria da escola e outro vindo da Rua Ferreira Santos pela roça das mangueiras dando acesso também ao Alto da Favela.

A área do quintal da igreja foi utilizada imediatamente para o plantio de bananeiras Com pouco tempo tudo estava ocupado com banana prata e banana d'água.

Foi nessa casa que Helvécio e Alice inventaram um coradouro de roupas com tubinhos de soro fisiológico usados, trazidos do hospital.

No fundo da casa foi escavado o tradicional buraco para acondicionar o lixo.



“Filhos criados, trabalhos dobrados” Alice gostava de ditados populares e adotava muitos por serem verdadeiras lições de vida para ela. Esse, por exemplo, se confirmou com a sua prole. À medida que cresciam e que ela não podia controlar totalmente os filhos porque os espaços frequentados por eles se ampliavam, as preocupações iam preenchendo os pensamentos nos momentos que sobravam do cansaço físico, do corre-corre doméstico.

Participavam de eventos culturais e religiosos em outras paróquias. Eram muitas idas e vindas na rural picape das ancilas, todos sentados espremidos nos dois bancos do carro e em um banquinho de madeira no fundo, ameaçando derrubar todos os ocupantes nas curvas e paradas. A irmã Antonieta tocava órgão e ensaiava com os jovens até que pudessem fazer boas apresentações em duas vozes.

Alice só se preocupava quando os passeios não envolviam a igreja e com os deslocamentos para a escola no transporte urbano de péssima qualidade.

Como compensação pela doação do terreno para construção da casa, a família tinha a obrigação de fazer a limpeza da igreja e a manutenção das áreas externas. Helvécio fazia serviços de administrador da paróquia e apoiava as ancilas na resolução das questões de manutenção da moradia.

Outros serviços também eram solicitados: levar documentos para a paróquia do Rio Vermelho, ajudar no atendimento do posto médico, dar aulas de catequese, acompanhar as irmãs nas visitas às ruas do bairro, assistindo as famílias carentes com alimentos, roupas e apoio moral.

As doações vindas da Itália e de outros países da Europa eram distribuídas no bairro para famílias cadastradas durante as visitas.

Helvécio atendia algumas tardes por semana, nas folgas entre os plantões no Hospital, no posto instalado ao lado da Igreja, distribuindo remédios, aplicando injeções e fazendo curativos. As meninas ajudavam no preenchimento das fichas dos pacientes e na organização do atendimento. Apareceram médicos voluntários e estudantes de medicina atraindo muitas pessoas que tinham dificuldade de acesso a serviços médicos públicos.

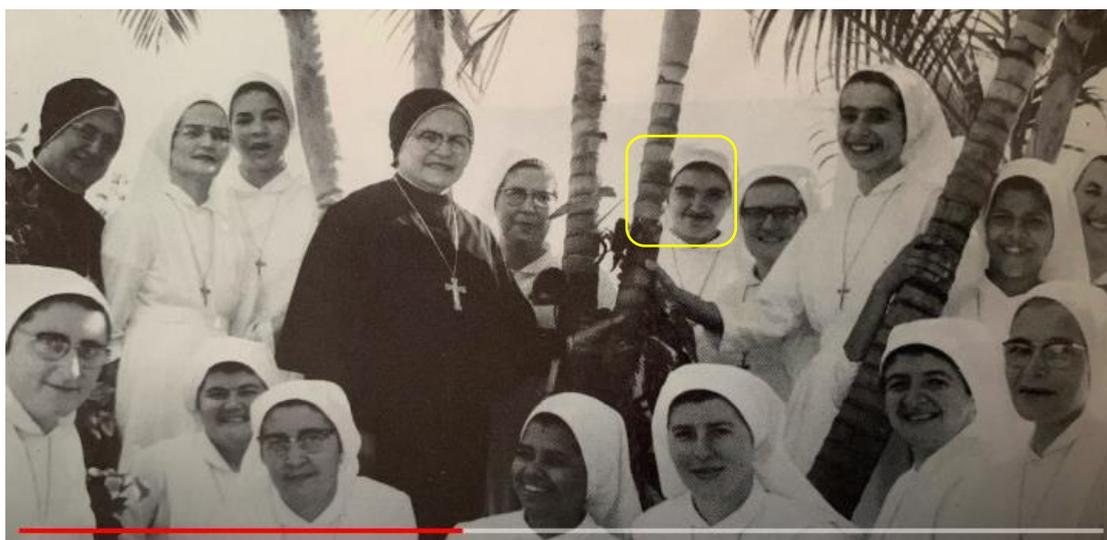
Helvécio e Alice junto com outras pessoas assíduas à capela fundaram a Legião de Maria: grupo religioso com o objetivo de desenvolver nas famílias a solidariedade, estimulando ações concretas de socialização em benefício da comunidade. Havia reuniões semanais onde era seguido o rito determinado num manualzinho chamado Catena. Todos os membros deveriam praticar boas

ações, como os escoteiros, e relatar o seu desempenho para o grupo. No final tudo era registrado em ata.

Como consequência de todas as ações de cunho religioso e social, da distância para a paróquia mais próxima, a do Rio Vermelho, a igreja vivia lotada. Não cabiam as famílias na área interna quando dos eventos mais importantes como a festa do padroeiro, Natal, casamentos, missas de rituais de São Lázaro e Cosme e Damião.

Em frente à igreja havia o barranco que despencava para a margem da pista e era o terror das mães que temiam que as crianças caíssem ladeira abaixo. Isso nunca aconteceu.

Dentre todos os filhos de Helvécio, Ana Lindaura era a mais organizada. Tinha muito cuidado com a casa, com as roupas, com tudo. Cobrava sempre de todos os irmãos o mesmo cuidado, o que conseguia geralmente. Ajudava a mãe a costurar e a bordar. Desde cedo já apresentava habilidade em consertar e inventar coisas para facilitar o trabalho em casa, transformava qualquer coisa inútil em brinquedos, com a construção da igreja da Vila América e a organização de grupos de crianças e jovens ela cedo se entusiasmou pela prática de catecismo e outras atividades religiosas. Com a chegada das irmãs italianas Ancilas do Menino Jesus, o envolvimento foi automático e natural, com 17 anos, decidiu seguir a vida religiosa, na congregação missionária italiana. Em 14 de fevereiro de 1966 Ana foi morar com as Ancilas, como aspirante. Em 27 de fevereiro de 1967 partiu para a Itália com destino a Veneza, dia 12 de março de 1967 começou a primeira etapa da vida religiosa, chamada de *postulantado*. em 21 de fevereiro de 1971, domingo de Carnaval, Maria Leônia (seu novo nome religioso), retornou ao Brasil, indo morar na Vila América. A consagração de Ana à vida religiosa sempre foi uma grande alegria e motivo de orgulho para a família de tradição católica fervorosa.



Terezinha concluiu o ginásio em 1967, no Colégio Severino Vieira optando, em seguida, por fazer o Curso Pedagógico no Colégio Edgard Santos, recém inaugurado no Bairro do Garcia. O percurso para lá era mais exaustivo do que o que utilizava para o colégio anterior. Por essa época a Escola São João Batista cedeu espaço para os ensaios de um grupo de teatro, liderado por Edvaldo Bispo da Costa, um rapaz negro, alto e bonito. Terezinha entrou para o grupo e pouco tempo depois começou o namoro, Edinho, como era conhecido, sonhava com o sucesso no teatro, escrevia peças seguindo a esteira dos dramaturgos da época, casaram-se em 13 de julho de 1968. Logo após o casamento moraram com a família dela, na casa atrás da igreja, na Vila América.

A primeira neta de Helvécio Ana Júlia nasceu em 22 de setembro de 1969.

O trabalho de Helvécio com os jesuítas começara no Colégio Antônio Vieira, onde os padres instalaram um posto médico para atender a população pobre do entorno do colégio. Seria uma espécie de compensação pelo alto lucro do renomado colégio um dos mais caros da Bahia, só acessível para a classe média alta e para a “nobreza” da Bahia.

Mudança para a casa própria e definitiva no bairro do Uruguai, - 1970



- “Inscrição da casa na Prefeitura nº 149357 de 05 de junho de 1963”, anotação no caderninho de Helvécio. O primeiro dono do terreno foi o Senhor Juvêncio que cercou o pedaço de maré. Depois o lote foi vendido aos padres jesuítas. Helvécio adquiriu a casa numa troca com a da Vila América numa transação intermediada pelos padres Gardenal e Luciano, assim começa a história na Rua Direta do Uruguai, 267.

Vindo da Vasco da Gama, para ficar mais perto do trabalho no Hospital Couto Maia e no Posto Médico de Alagados, Helvécio fez um acordo com seus patrões, os padres jesuítas, administradores dos Centros Sociais de Salvador. A casa construída nos terrenos da igreja São João Batista da Vila América foi dada como entrada pela casa dos padres na Rua Direta. A casa ficava ao nível da rua na parte asfaltada, situando-se a 100 metros do Centro Social onde funcionava o posto.

Em 21 de março de 1970, a família se mudou da Vila América para o Bairro do Uruguai, facilitando muito a vida de Helvécio que se dividia entre o Hospital Couto Maia e os Centros Sociais do Uruguai e da Massaranduba, nessa época o lixo chegava até a entrada do Centro. A partir daí se espalhavam as palafitas e as pontes de madeira. Quando a maré subia, invadia casas e quintais, trazendo junto o cheiro de lama.



Após o acordo com os padres procurou-se regularizar a documentação através de um documento precatório de “promessa de compra e venda” só muito posteriormente substituído por escritura pública. As terras da maré pertencem de fato à marinha e os proprietários, na realidade são foreiros, eternos devedores pagando taxas ao Governo.

O saldo devedor foi pago mês a mês do valor do trabalho nos centros sociais. O valor inicial em maio de 1970 era de Cr\$ 72,00 (setenta e dois cruzeiros) e no ano seguinte no mesmo mês passou a Cr\$ 86,00. O saldo do salário a receber ficou em Cr\$ 40,00 por semana. Muito pouco para a grande família de 12 pessoas, mas o sacrifício valia a pena pois a casa era própria. Depois de ter pago cerca de dois terços do valor, um dia Padre Gardenal chamou-o à parte na hora da missa e deu-lhe um inesperado presente. Dispensou o restante do pagamento, foi um alívio para sua família.

O BAIRRO DO URUGUAI

Fonte: <http://salvadorhistoriacidadebaixa.blogspot.com>

O Bairro do Uruguai surgiu fruto da aterragem de parte da Enseada dos Tainheiros que chegava até quase o largo dos Mares. Essa aterragem foi feita com lixo proveniente de outras partes da cidade, principalmente da chamada Cidade Alta. Isto aconteceu por volta de 1940.

Na mesma época, a Península de Itapagipe tinha sido nomeada Polo Industrial de Salvador. para lá deveriam convergir todas as indústrias que quisessem se instalar na capital baiana. A primeira delas foi a Companhia Empório Industrial do Norte, mais conhecida como Fábrica Luiz Tarquínio. Em seguida, vieram a Souza Cruz, a Johanes Industrial, a Daw Química, a Barreto de Araújo, a Chadler, a Amaral Comércio de Papéis, a Fratelli Vita, a São João, a Paraguaçu, a Fábrica da Fias, a Bhering, a Toster, a Crush, a Mario Cravo Cafés, e tantas outras. Foram mais de 30 indústrias. (Já nos referimos a elas em postagem anterior).

Em consequência, isto atraiu uma população de baixa renda interessada no novo mercado de trabalho. Veio gente de todo o recôncavo e das ilhas em torno da Baía de Todos os Santos.

Não havia espaço habitacional para todo esse contingente de pessoas. Em razão disto, a Prefeitura resolveu aterrar parte da Enseada dos Tainheiros na ponta que dava para os Mares, cometendo um dos maiores crimes contra o meio ambiente. A área era toda de manguezais, o que significa dizer um local de reprodução de peixes, mariscos e crustáceos. Aliás, o próprio “habitat” desses animais.

Verdade que a população já tinha iniciado um processo de invasão por palafitas, mas que poderia ser contido. Não o fez. Preferiu aterrar a área, cedendo-a aos invasores e outros mais. Surgiu daí o hoje Bairro do Uruguai, o hoje Jardim Cruzeiro, a Maçaranduba, até que em 1953, aconteceu a invasão dessa mesma enseada pelos lados do então Porto dos Mestros, completando a miséria aquática.

Quando a família Carvalho chegou ao Uruguai a rua começava, no largo dos Mares, com o asfalto de boa qualidade que se estendia até aproximadamente, 200 metros depois da padaria de Benedito, chegando perto do prédio do Centro Social. A partir daí seguia através das pontes que se balançavam entre centenas de palafitas enfileiradas, indo terminar na Ilha.

Em 30 de junho de 1971, nasce Glauber, o segundo neto de Helvecio, também filho de Terezinha e Edinho

Helvecio começou a trabalhar como funcionário registrado no Centro Social do Uruguai em 01 de abril de 1972, la ele fazia de tudo um pouco, dava aulas de enfermagem, ajudava no posto médico com curativos e aplicação de injeções e também na farmácia distribuindo remédios doados pelas Obras da Irma Dulce.

Maior perda da família.

Em 17 de fevereiro de 1973, veio a grande tristeza as 19:00 hs no hospital da sagrada família, deixava o mundo material, retornava a casa paterna na espiritualidade D. Alice, fato que veio a mudar drasticamente a história da família, deixando todos desalentados, helvécio perdia nesse momento sua parceira, companheira e por porque não dizer sua base, conforme ele próprio relatou em um dos seus manuscritos.



No dia 17 de fevereiro do
Ano de 1973, depois de 25
dias de internamento no
Hospital da Sagrada Família
Viei a falecer. O melhor
Deus foi servido levar para
sua glória, A minha Santa
esposa Alice Tereziinha Peres
de Carvalho, com ela vivi
28 anos de perfeita união, até
o momento que Deus nos
separou corporalmente, no
entanto estamos unidos espiri-
tualmente. Foi sepultada
no dia 18 de fevereiro as 17 horas
depois da Missa de corpo
presente

DIACONATO, Em 1966, o Concílio Vaticano II, aprovou a instituição do Diaconato Permanente. Essa categoria de serviço leigo estava extinta nos tempos atuais, mas existia nos primórdios do Cristianismo, no Tempo dos Apóstolos.



Helvécio conta que em março, no ano de 1967, incentivado pelo Padre João Maria Gardenal, depois de ter sido pesquisado sobre a minha vida cristã e familiar, ele foi aprovado. Então começou o curso de Teologia junto com o grupo de 1966. No começo, o aluno candidato se afastava da família duas vezes por ano, durante 15 dias, indo para ao seminário Diocesano, na ilha de Itaparica. As aulas de Teologia eram a base principal do curso e duraram três anos seguidos.

Por motivo de sua esposa ter falecido ele teve que aguardar mais um tempo para ser ordenado o que só veio a acontecer em 1974, depois de ter sido aprovado, o Cardeal Dom Avelar o chamou para ser ordenado.

A cerimônia da ordenação foi presidida pelo mesmo cardeal Dom Avelar, no salão onde eram celebradas missas e outros atos religiosos, no Centro Social do Uruguai no dia 17 de agosto de 1974.

“Fui, logo depois, designado para exercer o ministério na Paróquia dos Mares, onde ministrava cursos de batismo, fazia os próprios batismos e casamentos.” – relatou ele.

Foi várias vezes a Muritiba onde celebrou muitos casamentos e batizados, a convite do pároco local, quando ele precisava viajar. Fazia celebrações da Palavra e outros atos religiosos.

Em Cachoeira celebrou casamentos na igreja histórica de Nossa Senhora do Rosário onde a pia batismal mais parecia uma piscina pelo espaço que ocupava”.

Atendendo a convites para colaborar nas celebrações mais concorridas, exercendo o papel de diácono, se deslocava também para outras cidades e vilarejos do Recôncavo, como Maragogipe, Cabaceiras, Sapeaçu, Geolândia, por vezes celebrando batizados e casamentos nas residências das famílias, costume bastante difundido na região.

Em Salvador, celebrou atos religiosos na Capelania de Nossa Senhora das Graças sempre que o capelão precisava viajar para outra unidade da Polícia Militar”.

Helvécio iniciou o curso de preparação para o diaconato permanente no mês seguinte ao embarque de Ana para a Itália Foi o primeiro grupo de Salvador. A Igreja precisava de braços e as vocações para o sacerdócio eram cada vez menores, por isso foi criada a alternativa de ordenação de diáconos. Todos eram casados, com família formada.

Em 1967 Padre Gardenal apresentou Helvécio para o coordenador, padre Érico, como mandava a regra. Marcaram o dia da apresentação em Itaparica. Lá começaram os estudos teológicos que duraram quinze dias com a participação de Dom Eugenio Sales chamado de Cardeal da Silva, cardeal primaz do Brasil. Seguiram-se cursos de quinze dias, duas vezes por ano, outros em finais de semana e um encontro anual especial em cidades diferentes. Durante três anos ainda morando na Vila América e mais três anos com a família já no Uruguai.

No meio do curso Dom Eugênio foi nomeado arcebispo do Rio de Janeiro e foi substituído por Dom Avelar Brandão Vilela. O diretor do Hospital Couto Maia, Dr. Catão, deu licença especial atendendo o ofício de Dom Eugênio.

Depois de três anos tiveram encontros de treinamento em diversas cidades do interior de três em três meses.

Helvécio já labutava com a igreja desde os tempos da Vila América, de modo que não foi difícil aprender as homilias.

Os cursos eram realizados sempre no Seminário de Itaparica e depois no Seminário Central da Federação.

Não achou dificuldade em aprender as lições. Treinavam os sermões escrevendo antes da apresentação, mas não podiam ler na homilia. Importava o conteúdo. Helvécio fez homilias no Convento da Piedade. Homilias são sermões com linguagem mais popular e mais curtos para não cansar a assembleia.

Alice apoiava muito o marido e se desdobrava para assumir as funções para que sobrasse tempo para ele estudar, para que frequentasse assiduamente as diversas etapas. Mas infelizmente não

Chegou com ele no final da jornada. Alice morreu pouco tempo antes de Helvécio concluir a preparação. Dom Avelar mandou aguardar um pouco, mas a espera durou mais de três anos porque a Diocese demorou para decidir se deveria ou não ordenar um viúvo já que a proposta era que os diáconos tivessem família.

Em 17 de agosto de 1974, às sete e meia da noite, Helvécio foi ordenado por Dom Avelar Brandão Vilela, no Centro Social do Uruguai, com atos litúrgicos e missa solene concelebrada por vários padres jesuítas e presidida por Dom Avelar, com a presença dos colegas diáconos que já estavam ordenados desde o fim do curso.

Mais despedidas



Evani



Goreti

Evani nasceu no Jericó, em Araci, em 26 de maio de 1952. Na época da mudança para Vila América tinha uns sete anos. Foi uma criança muito ativa. Na escola da Sociedade Santo Antônio fazia questão de participar de todas as atividades. Em casa, ajudava nas tarefas domésticas, fazia os deveres o mais rápido possível e depois ia procurar com quem brincar. Na rua ou no quintal, não perdia nada.

Cedo, partiu para o trabalho. Primeiro foi atendente de fisioterapia na CHECAP, depois auxiliar de escritório na “Pneus Service”. Então, surgiu aquela dor horrível no estômago. Inicialmente o médico que a atendeu receitou remédios para gastrite. A situação se agravou, para câncer que se encontrava em metástase, ela passou dois meses no hospital e corajosamente enfrentou o sofrimento, a partida de uma pessoa tão jovem e cheia de vontade de viver nunca vai parar de doer em seus irmãos e amigos, ela se foi em 09 de novembro de 1975, aos 23 anos.

Palavras escritas no caderninho de Helvécio:

“No dia 09 de novembro de 1975, depois de quase dois meses de internada no Hospital Português (56 dias), Deus foi servido levar para sua glória, a minha querida Evani Maria de Carvalho. Foi sepultada no Cemitério das Quintas dos Lázarus, no mesmo dia 9 de novembro às 17 horas depois da missa de corpo presente, na Quadra Nossa Senhora da Conceição, Irmandade São José do Corpo Santo”.

Mal a família absorvera a dor da perda de Evani, antes de completar dois anos, Goretti teve a sua crise única e final. De manhã ela não acordou. Tentaram despertá-la com chamamentos, sacudidelas, até com banho. Ana estava em casa em visita à família e usou seus conhecimentos de atendente de saúde, sem sucesso. Helvécio já tinha ido para o trabalho, quando retornou levou-a para o Couto Maia, onde se iniciou um tratamento sem grandes sucessos. Cada vez que ela melhorava de um problema surgia outro. Definiram esse estado como *pseudodoença*. No final apareceu uma hemorragia interna e externa chamada *melená*. Ela faleceu no dia 27 de novembro de 1977. Ela que durante toda a infância, foi uma criança tranquila, não teve problemas sérios de saúde. Não tinha dificuldades de relacionamento e estudava normalmente. Concluiu o quinto ano primário na escola

Cecília Burgos situada na Vila América, à margem do Rio Lucaia. Aos 12 anos, aproximadamente, apresentou sinais de atraso no desenvolvimento corporal.

Em 1978, depois de muita luta tendo a frete o já Diácono Helvecio, e outros membros da comunidade dos alagados, foi inaugurada a capela Nossa senhora dos alagados, a comunidade sentia a necessidade de um espaço para a celebração de missas e outras atividades religiosas da comunidade, pois o centro social do Uruguai disponibilizava um local provisório, então com a ajuda de todos foi construída a capela.

CAPELA DA BOA ESPERANÇA

Fonte: www.paroquiadosalagados.org.br

“A Capela Nossa Senhora da Boa Esperança está situada a Rua Direta do Uruguai, nº 328, no espaço que abriga o Centro Pastoral da Paróquia Nossa Senhora dos Alagados.

Quando da construção do referido Centro, destinado a atender a comunidade do Uruguai disponibilizando cursos profissionalizantes e assistência de enfermagem, em 1963, os padres jesuítas, através do Padre João Maria Gardenal juntamente com as Irmãs Voluntárias da Caridade, através da Irmã Lúcia Chiaveto e Irmã Iracema, da Congregação Jesus Crucificado, costumavam celebrar missas no intuito de formar uma comunidade espiritualmente ligada pelos laços da fé e comunhão. Não havendo um espaço próprio utilizava-se o salão comum do Centro para estas celebrações, sempre aos domingos à noite. Foi neste espaço que o Diácono Helvécio Celestino de Carvalho foi ordenado trazendo no coração o desejo de ver erguida, naquele local, uma capelinha dedicada à devoção de Nossa Senhora da Boa Esperança. Com recursos pessoais do Pe. Gardenal e contribuição em serviços da comunidade deu-se início as obras de construção e em 1978 a Capela foi inaugurada, com missa presidida por Dom Avelar Brandão Vilela.

Na preparação da primeira vinda do Papa João Paulo II à Bahia, em 1980, a Capela foi destaque nos meios de comunicação, em vista da inauguração da Igreja consagrada a Nossa Senhora dos Alagados pelo próprio Papa e por ser o ponto de encontro para as reuniões com o clero e a comunidade. Nela eram realizadas as missas, batismos, crismas, casamentos. Nos anos seguintes por ela passaram pessoas santificadas a serviço do evangelho de Nosso Senhor Jesus a exemplo de Madre Teresa de Calcutá com suas Irmãs Missionárias da Caridade e também, Irmã Dulce, o Anjo Bom da Bahia.

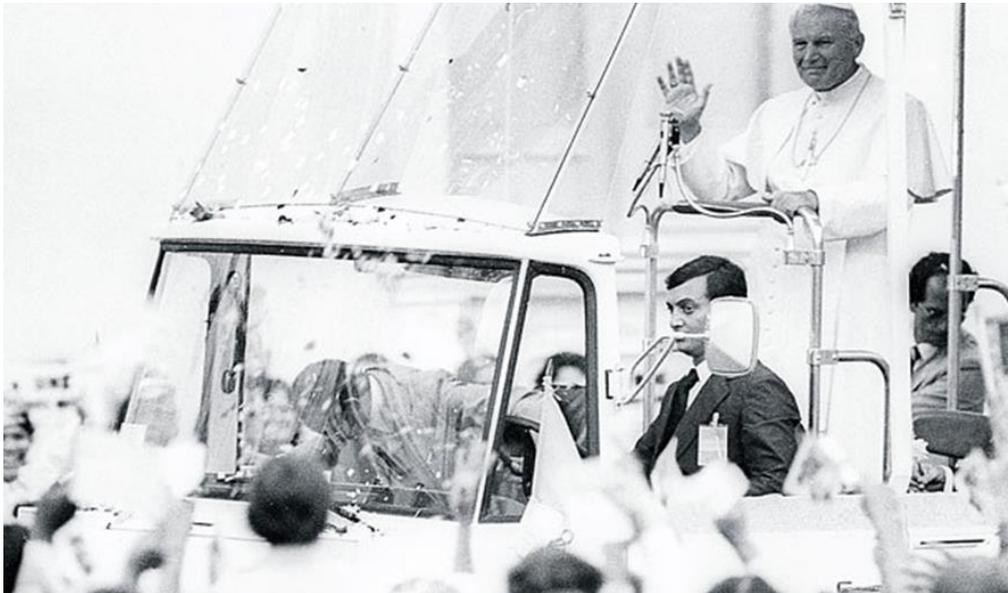
Em 1994 foi feita a primeira reforma da Capela com o projeto do altar e as paredes que o circundam que receberam as pinturas de Sabina, uma pintora francesa durante a administração de Padre Dominique You, hoje Bispo de Conceição do Araguaia.

A Capela Nossa Senhora da Boa Esperança é o símbolo da força evangelizadora da Igreja Católica, em Alagados, lugar de oração e adoração de Nosso Senhor Jesus Cristo e comunhão nas missas celebradas.”

Em 08 de outubro de 1978, nascia Alice Catarina, vindo a ser o terceiro dos netos de Helvécio, Filha de Marli e Sergio, seu primeiro companheiro.

1979 – No dia 12 de maio de 1979 Helvécio dá um novo passo em sua vida, se casa com Maria Joana sua segunda esposa.

Em 12 de maio de 1980, nascia mais um neto, André terceiro filho de Terezinha, o único com Martinho



A IGREJA DOS ALAGADOS

Em 07 de julho de 1980 o Papa João Paulo II, inaugurou a Igreja de Nossa Senhora dos Alagados, na ilha de Santa Luzia, final de linha da Rua Direta. Antes o Papa, na sua passagem pelo Rio de Janeiro havia ordenado alguns padres entre os quais Rubens, jovem natural de Sergipe e que depois se tornou o primeiro pároco dos Alagados quando da fundação da Paróquia em setembro do mesmo ano. A notícia da criação da Paróquia foi dada a Helvécio, por telefone já que foi ele quem mais pediu por isso ao cardeal. Sempre que se encontrava com o chefe da igreja na Bahia, Helvécio insistia. Entendia que a população do Uruguai não era bem atendida nos Mares pelo Padre Vitalmiro.

Em sete de julho de 1981, nascia Anderson, filho de Jose Antônio e Simone.

Em 16 de julho de 1981, nascia Lorena, primeira filha, de Celina e Zagne

Em 22 de novembro de 1981, nascia Élcio o último filho de meu pai e o único de seu segundo casamento

1982 --

Em 16 de julho de 1983, Essinho e Cassia se Casaram na igreja do Alagados, vindo a morar na casa que eles construíram juntos, no andar superior da casa que Helvécio construíra para morar com Sua segunda esposa.

Em 04 de março de 1985, Jose Celestino, pai de Helvécio, seguia para a vida espiritual, com sua partida aos 82 anos.



Em 20 de maio de 1985, nascia Cassia Carolina, ou Carol, filha de Marli com o então Marido dela Zezé

Em 20 de junho de 1985, nascia Gardênia a segunda filha de Celina e Zagne.

Em 07 de junho de 1986, nascia Matheus, primeiro filho de Essinho e Cassia

Em 02 de dezembro de 1987, nasceu Daniel, primeiro filho de Lucia e Paulo

Em 07 de junho de 1989 nascia Marcio, o segundo filho de Essinho e Cassia

Em 05 de outubro de 1994, um fato marcante, Ana Verbena Filha de Luiz, nascia no hospital Português enquanto Ana Paula filha de Lucia nascia no hospital do Iperba, ambas nasceram com mais ou menos uma hora de diferença, sendo Paulinha a mais velha as 10:30 e Verbena a mais nova as 11:40.

Em 20 de outubro de 1998 – Nasce Nicolas, primeiro bisneto de Helvécio, filho de sua primeira neta Ana Julia

Em 12 de agosto de 1999 as 21:30, nascia Luiz Felipe, segundo filho de Luiz e Josany

Em 07 de dezembro de 1999 – nasce Lucas primeiro filho de Catarina e segundo bisneto de helvécio.

Em 01 de janeiro de 2005, nasce Maria Eduarda, Duda filha de Catarina

Em 28 de fevereiro de 2007 – Outro fato relevante, nascem Gustavo e Alice bisnetos gêmeos de Helvécio, filhos de Gardênia e Cacá

Em 18 de fevereiro de 2011, nascia Lara, a última neta de Helvécio, filha de Élcio e Daniele

Em 02 de janeiro de 2012, nasce mais uma bisneta, Anna Beatriz Teixeira carvalho, filha de seu neto Anderson.

Em 28 de agosto 2015, nasce Davi filho de Catarina

Final da Jornada Terrena.

Era início da manhã do dia 02 de novembro de 2015, Luiz estava em casa, tinha acabado de acordar, quando o telefone tocou, era Terezinha, ela ligou para avisar que Helvécio, não tinha amanhecido bem, ele estava febril, tinha alguns dias que não estava bem, não se alimentava direito e estava bem indisposto, decidiram então leva-lo para uma avaliação medica, Luiz foi ate a casa Terezinha onde Helvécio passava uns dias, todos então se dirigiram ao Hospital em Lauro de Freitas, após avaliação medica foi resolvido que ele ficaria internado para avaliações, após alguns dias, a direção medica chamou a família e avisou que ele estava com um tumor cerebral impossível de ser removido devido a sua idade e condições de saúde, isso justificava sua dificuldade motora, deficiência para andar, enxergar e comer, a família recebeu a noticia com muita tristeza e com resignação, pois tinha na fé ainda sua maior força, foram dias de angustias e incertezas até que no dia 19 de novembro as 14:50 hs ele retornou a casa do pai celestial, encerrando assim, uma vida voltada ao próximo, a sua família e a espiritualidade, por tudo que passou, pela abnegação das coisas materiais deus foi generoso e lhe deu um desenlace tranquilo, até nos seus últimos dias manteve a serenidade e a resignação.



Histórico póstumo

Em 26 de dezembro de 2015, nascia Cecília filha de André e neta de Terezinha

Em abril de 2016, após alguns meses da partida de Helvécio, Joana, sua segunda esposa também partia para vida espiritual.

Em 14 de julho de 2017, nasce Anthony, filho de Mateus e Aline.

Em 02 de fevereiro de 2019 nasce Isabela Flor Teixeira de Carvalho a segunda filha de seu neto Anderson.

Em 21 de junho de 2019- Nasce Guilherme primeiro filho de sua neta Carolina,

Em 06 fevereiro de 2020 – Nasce Gael filho de Lorena neto de Celina



2021 – MARLI, Nasceu em Araci, embora os pais estivessem morando em Água Comprida. No dia 14 de julho nasceu a menina branquinha e gordinha, com os olhinhos apertado parecendo uma chinesa. Por ser véspera da Assunção de Maria, deram-lhe este nome, mas Anita, a madrinha natural, passou a chamar-lhe Marli por causa da personagem teimosinha de uma estória do Almanaque Mensageiro da Fé. Em 07 de março de 2021, Marli partia para o plano espiritual, após diversos dias internada no hospital da Sagrada Família, vítima do Covid 19 doença que levou mais de 600 mil brasileiros e mais de 2,5 milhões de pessoas no mundo inteiro.

Em 02 de maio de 2023, se completou 100 anos de nascimento de Helvécio e 50 anos da partida de Alice para o mundo espiritual,

Em 17 de março de 2024, depois de conviver e lutar com o mal de Parkinson durante alguns anos, Helvécio Filho (Essinho), retornou ao mundo espiritual, um grande irmão, bom pai de família, e um exemplo de amigo, deixou a todos com muita saudade e um grande vazio com sua partida.



Em 01 de fevereiro de 2026 será o centenário de nascimento de Alice Terezinha.

Histórico Genealógico

02 casamentos

Alice Terezinha * 01/02/1926 + // Maria Joana * - + abril/2016

13 Filhos:

Maria Gorete *04/02/1948 + 27/11/1977; Ana Lindaura, 26/04/1949; Terezinha 06/07/1950; Evani *26/05/1952 +09/11/1975; Madalena *22/07/1953 +fevereiro-1954; Celina 25/10/1954); José Antônio 06/09/1956; Maria da Assunção *Marli 14/08/1958 +03/03/2021; Helvécio Filho – Essisnho *25/08/1960 +17/03/2024; Lucia 10/07/1963; Luiz *19/09/1965; Elcio *22/11/1981

15 netos

Ana Julia – 22/09/1969; Glauber Bispo – 30/06/1971; Alice Catarina - 08/10/1978; André 12/05/1980; Anderson - 07/07/1981; Lorena - 16/07/1981; Cassia Carolina – 20/05/1985; Gardênia 20/06/1985; Mateus – 07/06/1986; Daniel 02/12/1987; Marcio 07/06/1989; Ana Paula – 05/10/1994 (10:30 h); Ana Verbena 05/10/1994 (11:39h); Luiz Felipe – 12/08/1999; Lara – 18/02/2011

11 bisnetos

Nicolas – 20/10/1998; Lucas - 07/12/1999; Maria Eduarda – 01/01/2005; Alice e Gustavo (gêmeos) – 28/02/2007; Anna Beatriz 02/01/2012; Davi – 28/08/2015; Cecilia 26/12/2015; Anthony- 14/07/2017; Isabela Flor – 02/02/2019; Guilherme 21/06/2019; Gael 06/02/2020

